

Júlia Grilo

cães

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

À mamãe

I.

O Natal cheira à tinta fresca. Todo fim de ano minha mãe ordena que sejam compradas dezenas de galões de tinta para que repintem a nossa casa, desde as salas à garagem. É uma maneira de manter vivos os nossos cômodos e exibi-los para os parentes venturos, reacendendo os ambientes e impedindo que apodreçam. A casa, para minha mãe, assim como para muitas outras mulheres, compõe um microcosmo importantíssimo, epicentro de muitas transformações, como se uma continuidade da pele própria. E eu digo isso tudo porque a chegada de Cafeína me lembra tinta fresca: minha mãe havia decidido pintar a garagem com tinta verde-cana naquele dezembro (ficou horrível). Cafeína chegou numa caixinha de papelão sobre a garupa da bicicleta de um dos pintores, apelidado de Pé de bala, chamado assim porque diziam que era um excelente jogador de futebol (muito embora ele tenha se tornado pintor). E da mesma maneira que não demoro ao recorrer às sensações da pintura natalina, recordo o calor de dezembro sem muita dificuldade: trata-se de um bafo quente e úmido, próprio desses tempos por estas áreas. Com exceção

de um momento ou outro, a maioria desta narrativa se passa em uma cidade de vinte e cinco mil habitantes no interior da Bahia, a cidade onde cresci e vivi até os dezessete anos, quando me mudei para a capital, Salvador, para estudar na Universidade Federal da Bahia. A partida em direção à capital é um percurso conhecido por muitos conterrâneos do recôncavo baiano, sobretudo aqueles que têm um pouco mais de dinheiro, como a minha família, de classe média. Na minha cidade há farinha, banana e cana-de-açúcar. Não muito longe daqui, em sua área rural – pasmem, o colonialismo é força tão entranhada na cultura baiana que até as cidades de vinte mil habitantes têm os seus distritos – foi fincada a Usina Aliança, hoje indústria açucareira – nome garboso – antes ponto de encontro entre a economia do açúcar e a força escravagista da colônia. Há pouco tempo, cerca de quatro ou cinco anos, noticiou-se nos jornais que por lá ainda havia escravos. Isso mesmo: mão de obra escrava, nos anos 2000, não muito distante de quando eu nasci. Vim prematura, num março chuvoso. Sou do signo de Peixes. Minha mãe quase morreu ao me parir. Anteontem, ela me disse que não queria ter tido filhos.

A minha vovó Dete, mãe de meu pai, também não queria ter tido filhos. Ela teve oito, muito embora meu avô, Toninho Careca, tenha tido nove. Eu não o conheci. Ele morreu cinco anos antes de eu nascer. Minha avó Dete morreu cinco anos depois de eu ter nascido, de Alzheimer e outras coisas que nunca me disseram. A minha hipótese é a de que vovó sucumbiu pela depressão primeiro e passou décadas morta antes de morrer. Não se fala muito sobre a depressão na minha família

paterna, apesar de que todos nós tenhamos tido experiências ruins com ela. Toninho Careca era agricultor e fazia farinha, vovó Dete era dona de casa e depressiva. Ambos morreram semianalfabetos. A alfabetização também não alcançou mais que os calcanhares do outro lado da família: a minha querida avó Nilzete, ainda viva, é dona de casa e faz pinturas e bordados para se distrair, meu também falecido avô Acilino, que morreu em 2008, era motorista e várias outras coisas operárias. Não cheguei a chorar nenhuma destas mortes, mas me lembro de ter fingido tristeza quando o funeral de minha avó Dete partiu porque queria que meus primos mais velhos me dessem atenção.

Por outro lado, os meus pais conseguiram perfurar o lençol meritocrático que os separava do sucesso – minha mãe tornou-se contadora e meu pai estabeleceu-se como funcionário público – e através do estudo técnico inseriram-se na dinâmica da vida urbana. Por isso mesmo, a fim de manter-me distante das garras infecciosas da pobreza, eu fui criada para ser uma estudante. Tive dificuldade, nos meados da adolescência, para me adaptar à educação mercantil. Até hoje, quando quer referir-se a quem considera uma *puta*, minha mãe diz, eufemisticamente, que “fulana tem cara de quem não gosta de estudar”.

II.

A tintura natalina também tem relação com outras coisas. Foi por causa de uma pintura de parede que Marisa enviuvou. A viuvez e a tintura não se encadeiam em sequência causal direta, mas têm relação tão íntima que parece ser uma o efeito da outra: durante os estágios finais da reforma da casa, Mário, o agora defunto, teve um piripaque e morreu. Restaram à viúva a casa e um filho incômodo. A pintura ficou interminada, a tinta era caríssima, tom branco bala de coco, o agora defunto não queria essa cor, Marisa queria, ele não queria, ela não queria tanto, mas de repente passou a querer; o filho se intrometeu – ficou do lado do pai, é claro –, quem fica em casa sou eu, vocês dois nunca estão aqui, ela disse, o marido em resposta empurrou-a contra a parede, violento, voraz; o filho assistiu, os pintores fizeram-se de desentendidos, as empregadas escutaram caladas, a cachorra rosou, Marisa gritou eu não aguento mais você, esta merda dessa casa, este menino idiota, o filho ia responder alguma coisa, estava quase respondendo – era lento – quando viu a mão de seu pai indo ao peito; ele disse que não estava sentindo-se bem, encostou

na parede, foi deslizando devagar e morreu. Morreu. Marisa soltou um grito agudo, o filho disse: você matou meu pai, o velório foi um sucesso, a cidade inteira compareceu.

Marisa, a viúva da tinta de parede, é a dona de Pretinha, que é a mãe de Caféna. Essa história pode parecer ter pouca ou nenhuma relação com Café, mas tem muita. Café não se fez sozinha, tampouco prontamente. Seu corpo é também produto de uma ação conjunta de várias mãos, várias mãos de vários tipos, tipos que a apalparam e acariciam em ordem de forças diferentes; forças que a atravessaram em várias direções. Pontas e vetores, vindos de cima ou de baixo, transpassando-a em um, dois, três pontos, na direção nítida ao exercício de fazerem-na como é. E não só por mãos ela foi feita: por patas também, e por asas, por muros e portões, por focinhos, por janelas altas e baixas, tudo isso condensado dentro de uma límpida engenharia a torná-la como é, como foi, como nunca será. Trata-se da mesma coordenação complexa sob a qual se fazem os homens e as mulheres. Seus pelos não despontaram autônomos e desregrados – pelo contrário, eclodiram lentamente, um a um, em ascensão delongada e cuidadosa. Cada fiozinho seu espichou-se orientado por um desejo, uma proibição, um medo, saindo organizados em rumo à superfície. Já os seus ossos, por sua vez, foram vinculados conjuntamente dentro de uma designada lógica própria, reminiscência bruta dos vincos de sua mãe, dos sulcos do seu pai, da posição em que brotou do ventre, de como de lá foi retirada e passou a rastejar faminta para as tetas pingando leite; do sangue fetal que lhe permaneceu seco e digno, atado

aos cantos dos olhos, dos colos que a abraçaram, dos braços que a castigaram. Cafeína fez-se Cafeína em detrimento destes arranjos todos, sobrepostos um a um. E continua a fazer-se, provavelmente, mas agora mais esquivada, mais escorregadia, em tempo maior. (A princípio, a vida cresce fermentada, em explosão atômica, depois passa a escorrer mais devagar). O acúmulo de tanto acometimento simultâneo, porém, fez de Cafeína uma súpula vivaz, densa, cheia de coisas a oferecer. E por isso mesmo sua história tem densidade igual, combativa – e vitoriosa – à sobreposição humana.

Aos dez anos, quando vi Café pela primeira vez, eu não sabia que com ela viriam estas coisas todas, paredes pintadas e mortes espontâneas; não me parecia, na verdade, que ela sequer existisse antes de mim, que pudesse ter vontades diferentes das minhas, que pudesse ter vontades. Ela era pequenininha, bem pretinha, muito fofinha, cabia na palma de minha mão. Eu não sabia de seus medos, de suas apreensões – mas ela sabia do que eu não sabia, pois as carnes que me fazem os olhos são limitadíssimas, e embora vejam o verde e o roxo, o laranja e o anil, elas não atravessam paredes. Já os narizes de cachorro, por sua vez, atravessam mundos, os ouvidos também. E embora os meus sentidos não se estendessem para além de uma porta trancada, Cafeína tinha os seus dispostos a avançar pelos cantos do meu quintal, a desnudar a minha casa, a revelar os mofos nos rejuntes, os carrapatos que meus olhos de enxergar várias cores não enxergam, o alho e a cebola entranhando a carne na panela da cozinha. Que humilhação, que vexame, eu jamais poderia ter admitido

que aquela cachorrinha miúda sabia tão mais de mim do que eu. Da minha casa, a minha própria casa, que eu vi ser er-
guida, pintada e repintada. De que me servem os olhos, que
olham para uma parede creme e uma bege e não sabem dife-
renciá-las, ainda que ao mesmo tempo empenhem-se ao di-
zer: olha minha sala de estar nova, é tinta bala de coco, olha
esse sofá marrom, essa poltrona lilás, esse lustre prateado
que ilumina o que eu não vejo porque não sou capaz de ver,
você sabe quanto custou?

Quando Mário, o defunto, morreu, a reforma parou, os
pintores foram embora, as empregadas demitidas. Marcos, o
órfão, pouco ou nada tinha a ver com os negócios do pai. À
Marisa, a viúva, não houve permissão para mexer nas contas,
os sócios foram espertos, espertos *demais*. Ainda assim, não
foi sem alívio que Marisa recebeu a viuvez. Ela esteve trinta e
três anos casada, tinha agora quarenta e nove. Casou-se cedo
porque as tetas ainda eram duras e a cara lisa.

O seu momento de felicidade mais tangível naqueles anos
de casamento se deu com a chegada de Pretinha, a cachor-
ra, mãe de Cafeína. Ela chegou pequerrucha e pareceu ainda
menor quando largada no quintal da casa enorme. As em-
pregadas da casa, embora muito afáveis, não podiam brincar
com Pretinha da forma que ela pedia: tinham roupas para
coarar, panelas para arear, um copo de água para entregar a
Seu Mário no escritório, armários para desempoeirar. Preti-
nha tentava roubar a atenção delas sem sucesso. Pulava em
suas pernas e elas se esquivavam, abria a barriguinha para
cima e elas fingiam não ver; e só de vez em quando, bem de

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Cambria pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em novembro de 2020.
